

Empréstimos Lingüísticos do Português no Kaingang do Rio Grande do Sul

Solange Aparecida Gonçalves¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, Unicamp, Campinas, SP. E-mail:solangeapg@gmail.com

Abstract. *That work intends to analyze subjects of linguistic borrowing and adaptations and incorporations of lexicons of the Portuguese for the language Kaingang in Rio Grande do Sul.*

Keywords. *indigenous linguistics; borrowing; contact language; language Kaingang.*

Resumo. *Esse trabalho se propõe a analisar questões de empréstimos lingüísticos e adaptações e incorporações de léxicos do Português pela língua Kaingang no Rio Grande do Sul.*

Palavras-chave. *Lingüística indígena; empréstimos; línguas em contato; língua Kaingang.*

1. Introdução

Os Kaingang estão entre os cinco povos indígenas mais populosos do Brasil, com uma estimativa populacional de 30 mil pessoas, ocupando mais ou menos 30 áreas distribuídas pelos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A maioria é bilíngüe, falando ao lado de sua língua, o Português. O percentual dos Kaingang que falam a língua indígena tem diminuído rapidamente nos últimos anos. Possuem escolas nas aldeias, em muitas das quais o ensino é bilíngüe (Português e Kaingang) e os professores são em sua maioria, falantes nativos.

Esse trabalho se propõe a analisar questões de empréstimos lingüísticos e adaptações e incorporações de léxicos do Português pela língua Kaingang no norte do Rio Grande do Sul, nas áreas de Inhacorá, Guarita, Iraí, Nonoai, Votouro, Ligeiro e Cacique Doble, sendo pois, representativo dos dialetos Kaingang naquele Estado.

2. Os empréstimos lingüísticos e línguas em contato

Toda língua muda através do tempo e as mudanças podem ocorrer em todos os níveis do sistema lingüístico. A história sociolingüística dos falantes e não a estrutura de suas línguas é o que primariamente determina o resultado lingüístico das línguas em contato. Sapir ressalta que as necessidades de intercâmbio é que colocam os indivíduos em contato direto ou indireto com línguas vizinhas ou culturalmente dominantes.

O termo empréstimo (*borrowing*) será usado nesse trabalho referindo-se à incorporação de características estrangeiras em uma língua nativa de um grupo por falantes de outra língua. Pode ocorrer um processo de adoção e ou adaptação e normalmente os primeiros elementos estrangeiros que entram como empréstimos são

palavras. Nem todas as inovações, porém, são aceitas, porque a adoção é uma seleção que corresponde a necessidades, sejam funcionais, sociais ou estéticas e, portanto, o empréstimo será aceito quando adaptado às circunstâncias do momento.

As sociedades indígenas, por viverem num país onde a língua oficial não é a sua, necessitam adquiri-la ou dela se apropriarem, porque a necessidade de comunicação, seja com poderes públicos, com vizinhos e empregadores, com órgãos de comunicação social, grupos religiosos, nas relações comerciais e mesmo na escola, fazem com que os membros dessas comunidades precisem “entender” os vários discursos da sociedade que os envolve. Os Kaingang, a partir do contato com as sociedades não-indígenas, enfrentaram essas necessidades. Isso levou a que a língua Portuguesa tivesse, no último século e meio, menor ou maior interferência, ou dito de outra forma, influência sobre a língua Kaingang. Itens lexicais do Português, utilizados, muitas vezes, por força de circunstâncias, foram aceitos, adaptados ou modificados pelos falantes da língua Kaingang. Este ensaio se propõe a um breve “olhar” sobre estes aspectos.

3. Metodologia e língua Kaingang

Meu conjunto de dados, ou seja, meu “corpus”, são entrevistas realizadas por professores Kaingang do Projeto Vãfy (um programa de formação de professores Kaingang na modalidade de Magistério Específico Indígena de 2º grau, coordenado pela FUNAI-Passo Fundo, Unijuí, Universidade de Passo Fundo e Associação de Professores Bilíngües Kaingang Guarani) com membros de suas próprias comunidades no Rio Grande do Sul. Essas entrevistas e a tarefa de sua transcrição fazem parte da formação específica de docentes bilíngües no Projeto Vãfy, ao mesmo tempo em que integram um esforço de promover, entre os Kaingang, uma conscientização das políticas lingüísticas vigentes, na perspectiva de que possam repensá-las. Além de ser oportunidade e meio dos professores pensarem sobre a própria língua, objetiva-se a publicação desses materiais, como forma de ampliar a disponibilidade de literatura na língua materna.

Os dados já organizados, como descritos abaixo, constituem o Anexo I e mostram os empréstimos lingüísticos da língua Portuguesa, ou seja, palavras de origem não-Kaingang, encontradas nessas entrevistas conduzidas pelos professores indígenas.

Cabe fazer um registro inicial: ainda que, no conjunto de textos que constituem o “corpus” da pesquisa, o falante seja um e os escreventes sejam outros, consideraremos essa comunidade de falantes e falantes-escreventes (ou, se preferirmos, falantes não alfabetizados e falantes alfabetizados) como representativa das comunidades Kaingang, com toda riqueza de situações distintas que aí se encontra. Isso é importante destacar no intuito de uma escolha de análise metodológica que englobe esse vasto universo do “corpus”. A partir desse “universo”, ao meu ver, bastante significativo, tentarei caracterizar distintas situações a começar pela forma escrita. Para tal, o conjunto dos termos oriundos da língua Portuguesa ou emprestados à língua Kaingang foram organizados e divididos em 4 grupos (vide tabela – Anexo I): Grupo I - palavras de origem não-Kaingang totalmente acomodadas à fonologia da língua Kaingang e escritas segundo a ortografia Kaingang; Grupo II - palavras de origem não-Kaingang parcialmente acomodadas à fonologia da língua Kaingang e escritas parcialmente segundo a ortografia Kaingang; Grupo III – palavras de origem não-Kaingang escritas segundo a pronúncia indígena mas não seguindo a ortografia da língua Kaingang nem a

do Português estritamente; Grupo IV – palavras de origem não-Kaingang escritas segundo a ortografia do Português (que pode conter erros na tentativa da escrita ortográfica, por exemplo: ‘iscritório’): IV (a) – termos comuns e IV b) – nomes próprios.

O alfabeto em uso para a escrita da língua Kaingang foi proposto por uma pesquisadora-missionária do Summer Institute of Linguistics, Ursula Wiesemann:

a) sistema consonantal	b) vogais
a.1- oclusivas : P, T, K, ' [p, t, k, ʔ]	b.1- orais: i [i] y [i] u [u]
a.2- fricativas : F, S, H [f, ʃ, h]	e [e] á [ɐ] o [o]
a.3- nasais : M, N, NH, G [m, n, ɲ, ŋ]	é [ɛ] a [a] ó [ɔ]
a.4- aproximantes : V, R, J [w, r, j]	b.2- nasais: ã [ã] õ [õ] ũ [ũ]
	ẽ [ẽ] ã [ã]

A língua Kaingang não possui as oclusivas vozeadas (sonoras) do Português /b/, /d/, /g/, mas as consoantes nasais diante de vogais orais ganham um contorno desnasalizado que as aproxima foneticamente das oclusivas vozeadas do Português. Assim, [m] passa a [mb]; [n] passa a [nd]; [ɲ] passa a [ɲʃ] (sem correspondente no Português) e [ŋ] passa a [ŋg]. Isso acontece mesmo havendo encontro consonantal, no qual o “r” ocupa sempre a segunda posição: /mr/ + vogal oral (Vo) = [mbr] + Vo, e, /ŋr/ + Vo = [ŋgr] + Vo. Por se tratar de variação fonética, na ortografia a escrita das consoantes nasais não se altera na presença das vogais orais, somente a pronúncia.

O padrão silábico do Kaingang inclui: 1) (V) - ex: *ẽ.pỹ* “roça”; 2) (VC) - ex: *ĩn* “casa”; 3) (CV) – ex: *ka* “árvore”; 4) (CCV) – ex: *prũ* “esposa”, *mro* “banho” (a segunda consoante será sempre [r] e a inicial pode ser uma labial ou dorsal, nunca uma coronal); 5) (CVC) – ex: *téj* “comprido” e 6) (CCVC) – ex: *krĩg* “estrela”. As consoantes finais só podem ser soantes, ou seja, quaisquer das nasais, o /r/ e o /j/.

4. Análise dos dados

A partir da divisão apresentada na sessão anterior, que organizam os dados no Anexo I dos empréstimos tomados à língua Portuguesa utilizados pelos Kaingang no RG do Sul, serão apresentadas a seguir algumas considerações pertinentes.

Palavras como: 1- *ỹnũ* [ʔnũ] “ano”, *kãvãru* [kãvãʔru] “cavalo”, *óra* [ʔora] “hora”, *kasa* [ʔkafa] “caixa” e *nireto* [nʔdirtõ] “diretor”, localizadas no grupo I (tabela Anexo I) foram encontradas em diferentes documentos do “corpus” da pesquisa, o que leva a considerar que representam verdadeiros empréstimos incorporados, devendo ser considerados atualmente como parte do léxico Kaingang, uma vez que são utilizados por diferentes pessoas em diferentes aldeias, portanto, distintos contextos.

Relacionado ao padrão silábico da língua Kaingang, que não aceita VV, encontram-se duas situações diferenciadas. Na primeira, verificam-se palavras totalmente acomodadas à fonologia e ortografia Kaingang (grupo I), tais como: 2- *tuja* [ʔtuja] “tuia”, *nija* [nʔdija] “dia”, *kaneja* [kaʔdeja] “cadeia”, *majso* [mbajso] “baixo”, *kasa* [ʔkafa] “caixa”, *munegero* [mbuʔdeŋgero] “bodegueiro” e *manija* [mbaʔnija] “mania”. Na segunda situação, temos palavras parcialmente adaptadas, pertencentes ao grupo II (Anexo I), onde aparecem grafadas com ditongos e hiatos do Português como em: 3- *régua* [ʔlegwa] “légua”, *aseita* [aʔseita] “aceita”, *nia* [nʔdia] “dia”, *ũniỹỹũ* [uniʔjẽũ]

“união” e *elejsyũ* [elej'sẽũ] “eleição”. São classificadas no grupo II porque estão parcialmente acomodadas à fonologia da língua Kaingang e escritas também parcialmente segundo sua ortografia. Por exemplo, na palavra *aseita*, o “s” está pelo [s] do Português e não pelo [ʃ] do Kaingang, mas o ditongo decrescente /ei/ está presente.

Como já dito, no Kaingang não há a oclusiva vozeada /d/ do Português e nas palavras emprestadas totalmente adaptadas (grupo I) ou naquelas parcialmente adaptadas (grupo II), encontra-se a substituição da oclusiva alveolar pela nasal /n/, por ex: 4 – a) grupo I: *karkuranora* [karkuraⁿdora] “calculadora”, *pakotano* [pako'taⁿdo] “empacotando”, *ne* [ⁿde] “de” e b) grupo II: *kõsinera* [kõsiⁿdera] “considera”, *enukasão* [eⁿduka'sãũ] “educação”. Algumas palavras que se inserem no grupo III (Anexo I) e utilizam a pronúncia Kaingang, mas não estão representadas ortograficamente, nos textos, segundo a língua Kaingang e nem estritamente a escrita Portuguesa, utilizam a letra “d” do Português, como em: 5- *dereto* [dere'to] “diretor”.

A utilização da líquida /r/ do Kaingang aparece também em duas situações: em palavras que se encontram no grupo I e no grupo II (Anexo I), como se segue: 6-a) *rata* ['rata] “lata”, *puritika* [pu'ritika] “política”, *pumriku* ['pumbriku] “público”, e b) *aura* ['aura] “aula”, *morsa* ['mborsa] “bolsa”, entre outras.

Quando houve adaptação do Português, quer tenha sido total ou parcial, não se constatou transgressão do Kaingang para as consoantes finais: na tabela com os empréstimos encontrados, observa-se que a consoante final do Português não é transcrita, ou é uma consoante permitida na língua, (como em *araj* “arroz” e *asukar* “açúcar”), ou ocorre redução (como no Português) dos “r” finais dos verbos no infinitivo (como nos exemplos: *reũni* “reunir”, *nesũni* “desunir”).

Estudos precisarão ser feitos para verificar o fato de que parece relevante no Kaingang, a qualidade da consoante; principalmente quando se escuta a consoante nasal, escreve-se a vogal subsequente com nasalização. Em muitas palavras isso se verifica, e podemos citar entre elas: 7- *mẽrkano*, *nỹmũra*, *parmẽra*, *turmỹ*, *tenẽte* (grupo I) e *komẽsu*, *semỹnyỹ*, *sẽmẽte*, *mẽniku*, *feramẽta*, *misnẽto* (grupo II).

5. Algumas hipóteses e alguns estranhamentos

Baseando-se no que foi encontrado no “corpus” da pesquisa, algumas hipóteses podem ser trabalhadas a partir das considerações anteriores em relação aos quatro grupos em que foram divididas as palavras de origem Portuguesa, encontradas nas entrevistas em Kaingang.

As palavras do grupo I representam verdadeiros empréstimos incorporados (como já foi citado): as palavras de origem não-Kaingang estão adaptadas fonológica e ortograficamente à língua indígena, como pode ser observado nos exemplos 1, 2, 4a e 6a. Como tais, podem ser considerados atualmente parte do léxico Kaingang.

Nas palavras do grupo II, há uma acomodação parcial às regras da língua Kaingang. São possivelmente empréstimos incorporados à língua, mas não totalmente. O uso dessas palavras nas interações com os não-índios, tornando-as muito frequentes, coloca essa situação dicotômica entre a aproximação à forma original do Português, ao admitirem certos fonemas ou sílabas estranhas ao Kaingang, e considerar outros sons como realização dos fonemas da sua própria língua. Pode-se pensar na hipótese que a parte da palavra que continua mais próxima do Português e mais distante do Kaingang é

aquela em que não há fonemas equivalentes próximos na língua indígena. Mas, como interpretar essa afirmação de Trubetzkoy (1939), acerca dos sons de uma língua estrangeira:

“onde quer que ouçamos um som que não ocorre em nossa língua materna, tendemos a interpretá-lo como um grupo fônico e a considerá-lo como realização de fonemas da nossa língua materna”

Nesse sentido, não se espera que os falantes Kaingang adotem a líquida “l” do Português que concorre com a líquida “r” presente em sua língua. Então, a afirmação de Trubetzkoy se confirma neste caso, quando as palavras emprestadas do Português são ouvidas com sons que não estão presentes no Kaingang, mas que eles consideram como realização de um fonema equivalente próximo na língua. Porém, como justificar, por outro lado, a presença do som de [s] em coda silábica que é totalmente alheio ao sistema Kaingang? Por exemplo: *estano, iskora, istuna*.

Jakobson (1938) afirma:

“que os empréstimos por eles mesmos não modificam a fonologia própria da língua, senão a sua assimilação que é capaz de introduzir novos elementos”.

Olhando por esse prisma, as palavras emprestadas e que estão sendo incorporadas seguindo parcialmente as regras do sistema da língua Kaingang, podem, perfeitamente aceitar o som de [s] em coda silábica porque não concorre com nenhuma forma própria da língua e é admissível no empréstimo como novo elemento.

Há, no entanto, uma palavra que causa estranhamento: *séfre* ou *sefri* “chefe”. No Kaingang, a letra “s” tem som de [ʃ], mas a pronúncia da palavra acima é [ʃefri]. Por que não utilizam a própria fricativa coronal da língua para a realização da fricativa coronal do Português? Pode-se pensar em duas hipóteses:

a) a palavra é utilizada desde os contatos com os não-índios no século XIX e, por ser de uso freqüente, a hipótese da hipercorreção pode ser uma explicação. (Ou seja, sempre que outras palavras escritas com /s/ eram pronunciadas pelos bilíngües com o som de [ʃ] do Kaingang eram corrigidas, e a “regra” foi estendida a essa palavra;

b) a segunda hipótese retoma Trubetzkoy (1939):

“uma vez que os sistemas fonológicos são estruturados diferentemente em cada língua, é relativamente raro encontrar um fonema exatamente com o mesmo conteúdo fonêmico em duas línguas diferentes e não devemos nos confundir pelo uso de símbolos de transcrição convencionados internacionalmente”.

Sendo assim, o falante ouve um som semelhante da outra língua. Nesse caso, outros estudos precisarão ser feitos, inclusive com um “corpus” mais extenso, de forma a se verificar as hipóteses. A palavra *séfre* é bastante interessante, porque além da discussão acima, provoca outro estranhamento pela seqüência /fr/ por dois motivos: por um lado, a palavra em Português é [ʃefi], onde não aparece o [r]; por outro lado, de acordo com o padrão da língua, a sílaba CCV é admitida desde que a segunda consoante seja [r], podendo a primeira ser labial ou velar; portanto, a labiodental [f] poderia ser admitida, mas o estranhamento é que a seqüência /fr/ não é encontrada normalmente na língua.

A palavra *kófri* ['kɔfri] é outro exemplo. Outro rompimento com o padrão CCV é observado na palavra *trija* ['trija] “trilha”. Como dito acima, não se admite coronal como consoante inicial em sílaba CCV. Seria, também, por ser uma palavra estrangeira que se permite esse uso ortográfico?

Outra observação interessante, nesse grupo está na escrita da palavra Portuguesa “caminhão”, transcrita como *kamĩjũ* [ka'mĩjũ], pois apesar de possuírem o dígrafo “nh”, não o utilizaram. Com relação ao grupo III, na hipótese de que representem prováveis empréstimos, há três possibilidades (todas dependentes de maior investigação): a) os falantes-escreventes podem ainda estar empregando-as com alguma dificuldade, por serem estrangeiras; b) os falantes-escreventes preferem revelar, na escrita, o caráter estrangeiro da palavra e c) pode haver influência da “fala regional”.

O grupo IV pode revelar a existência de bilíngües proficientes, o que é demonstrado no uso das palavras usadas como no original do Português, apesar de muitos termos terem equivalentes na língua Kaingang (como por exemplo, empregam “cacique” por *pã'i*). Porém, por limitação de espaço, as questões de bilingüismo e proficiência não poderão ser discutidas aqui.

Uma questão ainda pertinente é a tonicidade, que na pronúncia Kaingang recai sobre a última sílaba. Nas palavras emprestadas do Português, tanto na pronúncia, quanto na escrita, (representada em muitas palavras por acentos utilizados no Português, por ex: ‘*makinário*’), admite-se tanto paroxítonas quanto proparoxítonas. Parece como sugere Jakobson (1938) citando Mathesius, que as classes de palavras sentidas como nativas e aquelas percebidas como estrangeiras, formam na língua, duas categorias estilísticas particulares. As palavras do Português são pronunciadas sem problemas quanto ao acento e, daí não haver estranheza quando, total ou parcialmente acomodadas ao Kaingang, também “emprestem” a acentuação. Exceção: *kãvãru* [kãvã'ru] “cavalo”.

6. Conclusão

A tentativa desse estudo foi no sentido de se examinar os empréstimos do Português no âmbito da fala e principalmente no discurso escrito nos materiais produzidos pelas entrevistas com falantes Kaingang no Rio Grande do Sul.

Ainda que o contato permanente com a sociedade brasileira e os falantes do Português torne previsível a existência de empréstimos nas línguas indígenas, como o Kaingang, essa breve investigação não deixou de revelar surpresas, até pelo grande número de empréstimos em um “corpus” razoavelmente restrito.

Dar conhecimento disso aos Kaingang é o que parece relevante para que eles mesmos possam avaliar e construir suas políticas lingüísticas próprias, já que há interesse das comunidades indígenas pela reorientação de programas educacionais. Sejam quais forem as adaptações, elas ajudam o falante a aumentar seu raio de comunicação e se as palavras emprestadas forem praticadas freqüentemente, podem ser incorporadas em sua vida cotidiana.

Fica a questão das conseqüências disso...

7. Referências bibliográficas

- BENVENISTE, Émile (1954). Tendências recentes em lingüística geral (cap.1). *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri, revisão Prof. Isaac Nicolau Salum. 2ª edição. Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas. Campinas - S.P., 1988.
- BORGES, Mônica Veloso. O empréstimo como mecanismo de ampliação lexical. *Revista do Museu Antropológico*. Ed. Da UFG, v.2, nº 1. Goiânia, 1998.
- _____. Empréstimos do Português ao Karajá. Mimeografo, Universidade federal de Goiás, 1998.
- BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *Abralin – Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Número 20. Janeiro de 97. pp. 139 a 172.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos Lingüísticos*. Série Princípios, 1989.
- DANGELIS, Wilmar da Rocha (1996). Kaingáng: questões de língua e identidade. *Liames 2*. Unicamp, IEL. Primavera de 2002. pp. 105 a 128.
- DANGELIS, W. R. & VEIGA, Juracilda (1995). Bilingüismo entre os Kaingáng: situação atual e perspectivas. Comunicação ao IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Campinas, Unicamp, 4 a 6 set 1995. Publicada em LT. Mota el aliii. *Uri e Wãxi. Estudos Interdisciplinares dos Kaingáng*. Londrina: Ed. UEL. 2000. pp. 307 a 326.
- FIALHO, Maria Helena Sousa da Silva. Considerações sobre neologismos em Karajá. *Línguas Jê : estudos vários*. SANTOS, Ludoviko & PONTES, Ismael (org.). editora UEL. Londrina, 2002. pp.175 a 184.
- GARCEZ, Pedro M. & ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. FARACO, Carlos Alberto (org). Parábola Editorial. São Paulo. 2001. p.15 a 36.
- GOUVÊA DE PAULA, Luiz. *Semõ ãxeæg: reflexões sobre “codeswitching” em eventos de fala Tapirapé*. Monografia. Luciara, Mato Grosso, 1997.
- HAMEL, Rainer Enrique (1988). La política Del lenguaje y el conflito interétnico. In: *Política Lingüística na América Latina*. ORLANDI, Eni P. (org). Pontes. 1988. pp. 41 a 73.
- JAKOBSON, Roman (1936). Sur la théorie des affinités phonologiques entre les langues. Actes du quatrième Congres Internacional de Linguistes . Copenhague: 27 agosto - 1º setembro de 1936. In: *Principes de Phonologie (Appendices)*. TROUBETZKOY, N. S. Tradução de J. Cantineau (1949). Librairie C. klincksieck. Paris. pp. 351 a 365.
- _____. *Fonema e Fonologia: Ensaio*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1967.
- MAHER, Tereza Machado. Sendo Índio em Português ... In: *Língua(gem) e Identidade: Elementos Para Uma Discussão no Campo Aplicado*. Tradução de Almiro Pisetta. ORLANDI, Eni P. (org). Mercado de letras / FAEP- Unicamp, Campinas, SP., 1998.

- _____. Língua Indígena e Língua Materna e os Diferentes Modelos de Educação Indígena. In: *Terra Indígena, ano VIII, n° 60, Jul/Set. 91*. Publicação do Centro De Estudos Indígenas da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Araraquara, 1991.
- MELIÀ, Bartolomeu (1995). Bilingüismo e escrita. In: *Leitura e escrita em escolas indígenas*. Encontro de educação indígena no 10º COLE. Wilmar D'Angelis e Juracilda Veiga (org). ALB. Mercado de Letras, Campinas, 1997.
- _____. Diglosia em El Paraguay (o la comunicaci3n desequilibrada). In: *Política Lingüística na América Latina*. ORLANDI, Eni P. (org). Pontes, 1988. pp. 111 a 119.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli & SOUZA, Tânia C.C. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: *Política Lingüística na América Latina*. ORLANDI, Eni P. (org). Pontes, 1988. pp. 27 a 40.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de Identidade em Lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: *Língua(gem) e Identidade: Elementos Para Uma Discussão no Campo Aplicado*. Tradução de Almiro Pisetta. ORLANDI, Eni P. (org). Mercado de letras / FAEP- Unicamp, Campinas, SP., 1998.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 5ª ed. Editora Vozes. Petrópolis, 1986.
- SAPIR, Edward (1916). Como as línguas se influenciam entre si. In: *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr (1971). 2ª edição. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1971.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Curso de Lingüística Geral*. Ed. Cultrix. São Paulo.
- STAUB, Augustinus. *O empréstimo lingüístico: um estudo de caso*. Livraria Editora Acadêmica Ltda. Porto Alegre, 1983.
- THOMASON, Sarah G. e KAUFMAN, Terrence. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. University Of California Press, 1988.
- TROUBETZKOY, N. S. (1939). *Principes de Phonologie*. Tradução de J. Cantineau. Librairie C. Klincksieck. Paris, 1949.
- WIESEMANN, Ursula (1971). *Dicionário Kaingang-Português, Português-Kaingang*. Publicação do Summer Institute of Linguistics. 2ª ed. Brasília, DF., 1981.
- _____. *Kaingang – Português / Dicionário Bilingüe*. Ed. Evangélica Esperança. Curitiba, PR., 2002.

ANEXO I

Tabela 1. Grupo I - Palavras de origem não-Kaingang totalmente acomodadas à fonologia da língua Kaingang e escritas segundo a ortografia Kaingang.

Grupo II - Palavras de origem não Kaingang parcialmente acomodadas à fonologia da língua Kaingang e escritas parcialmente segundo a ortografia Kaingang.

Grupo I	Grupo I	Grupo II	Grupo II	Grupo II
ŷnã , ŷnũ (ano)	nereto, nireto (diretor)	iskóra , iskora (escola)	kasike (cacique)	nesunĩŷũ (desunião)
ũmỹ (uma)	tenēte (tenente)	rivro (livro)	saune (saúde)	nesũnĩ (desunir)
měrkano(mercado)	porko (porco)	kófri (cofre)		retornũ (retorno)
ganh ta mǎn (gaita de mão)	ganh ta ojto majso (gaita oito baixo)	sefre, séfre, sefri (chefe)	rekogkista (reconquista)	kỹnỹ ne asukar (cana-de açúcar)
aroj (arroz)	komerto (cobertor)	Curitima(Curitiba)	koměsu (começo)	coroně (coronel)
pakotano (empacotando)	prĩměra (primeira)	ravora (lavoura)	janěru (janeiro)	enukasão (educação)
tuja (tuaia)	nija (dia)	istuno (estudo)	nia (dia)	aseita (aceita)
munéga (bodega)	kamĩjũ (caminhão)	kamĩsa (camisa)	reũnĩ (reunir)	nesemro (dezembro)
munegero (bodegueiro)	farĩnh (farinha)	kerozěne (querozene)	morsa (bolsa)	misněto (bisneto)
kiro , kiru (kilo)	governũ (governo)	marỹnsa (balança)	masija (bacia)	sistemỹ (sistema)
papé (papel)	téknĩku (técnico)	asukri (açúcar)	reseme (recebe)	marmante (barbante)
kǎvǎru (cavalo)	aruno (aluno)	karósa (carroça)	pronusi (produzir)	morasa (borracha)
rata (lata)	turmỹ (turma)	feraměta (ferramenta)	sarjěntu (sargento)	makinário (maquinário)
nỹmũra (namorar)	kaneja (cadeia)	moqueirǎo (boqueirǎo)	nỹturesa (natureza)	provejto (proveito)
ojto (oito)	segũnỹ (segunda)	provĩsa (província)	semỹnỹ (semana)	sěměte (semente)
óra (hora)	karkuranora (calculadora)	estano (estado)	kōsinera (considera)	aposěntano (aposentado)
kasa (caixa)	měniku (médico)	erejsỹũ (eleição com [s])	ĩterese (interesse)	nemũkrasija (democracia)
armỹ (arma)	pumriku(público)	aura (aula)	trija (trilha)	ũnĩjỹũ (união)
tumru (outubro)	manĩja (mania)	régua (légua)	kojeta (colheita)	Funỹĩ (Funai)
parměra(palmeira)	no (do)	somỹ (soma)	vina (vida)	

ANEXO I

Tabela 1. Grupo III - Palavras de origem não-Kaingang escritas segundo a pronuncia indígena mas não seguindo a ortografia Kaingang.

Grupo IV - Palavras não-Kaingang escritas segundo a ortografia do Português:
a) termos comuns e b) nomes próprios.

Grupo III	Grupo VI-a	Grupo VI-a	Grupo VI-a	Grupo VI-b
baril (barril)	ano, dia	patrão	interesse	Nonoai
mai tarde (mais tarde)	corículo (curriculum)	tempo	palmatório	Redentora
dereto (diretor)	rendo (arrendou)	oitenta, duzentos	bilíngüe	Sebastião Alfaiate
arve (árvore)	seraria (serraria)	1932, 1900, 1960, 1968	chefe	Irapó
orde, órde (ordem)	estuda (estudar)	1980, 1911	porteira	Paulino Sales
kastiga (castiga)	iscritório (escritório)	100, 8, 300, 5, 47, 75	meia-noite	Palmeira das Missões
instudo (estudo)	iscrivão (escrivão)	invistir (investir)	farmácia	Maria Ribeiro
tria (trilha)	sexta	rei	lugar	Vardomiro
surrasco (churrasco)	motorista, carro	maquina	estagiário	Antonio Sales
tẽmpu (tempo)	tranferi, transferi (transferir)	cachoeira	1 ^a a 4 ^a , 5 ^a a 8 ^a	Bastãozinho Jacinto
	padre	mãe	usina	Bauru
	ruína	mandado	vive	Funai
	presidente	primeiro	trigo	APBKG
	cozinheira	palmito	prêmio	RS
	serviço	finado	gente	Campina
	turma	semana	lei	Estiva
	roda	família	produto	Paulo
	panelão	sofre (sofrer)	antigamente	Ruínas de São Miguel
	porco	escola	município	